

o numero de victimas, fracas de imaginação, que o quadro do inferno tem occasionado, esse quadro que procuram tornar mais pavoroso com a descripção de horrorosos detalhes? O diabo, dizem, só aterroriza as creanças; da mesma forma que o papão e o lobishomem, é um freio para as morigerar; mas o facto é que, quando elles perdem esse medo, tornam-se peores que antes, e, para este resultado, não se conta o numero das epilepsias causadas pelo abalo produzido nesses delicados cerebros. A religião seria muito fraca si, por não infundir terror, o seu poder corresse o risco de ficar compromettido; felizmente não é assim; ella posse outros meios de actuar sobre as almas; o Espiritismo lh'os fornece mais efficazes e mais sérios, si ella souber aproveitá-los, e mostra a realidade das coisas neutralizando assim os funestos effeitos de um temor exagerado.

## XVI

Resta-nos ainda examinar duas objecções, as unicas que verdadeiramente merecem tal nome, por se basearem em theories rationaes. Uma e outra admitem a realidade de todos os phenomenos materiaes e moraes, mas repellem a intervenção dos espíritos.

Segundo a theory da primeira, as manifestações attribuidas aos espíritos não passam de effeitos magnéticos; os mediuns ficam em um estado a que podemos chamar somnambulismo em estado de vigilia, phénomeno de que pôde ser testemunha todo homem

que tenha estudado o magnetismo. Suas facultades intellectuaes adquirem nesse estado desenvolvimento anormal; o circulo das suas percepções intuitivas transpõe as raias da nossa concepção ordinaria, e desde então o medium bebe em si mesmo, em virtude de sua propria lucidez, tudo quanto diz, todas as noções que nos transmite, mesmo sobre as coisas que lhe são estranhas em seu estado habitual.

Não iremos contestar o poder do somnambulismo, do qual temos visto prodigios e havemos estudoado todas as phases, num periodo de mais de trinta annos; convimos que, com effeito, muitas manifestações espiritas podem explicar-se por esse modo; mas uma observação seguida e attenta apresenta-nos numerosos factos em que a intervenção do medium, a não ser como instrumento passivo, é completamente impossivel. Aos que participam dessa opinião, diremos, da mesma forma que aos outros: «Vede e observai, porque certamente não vistes tudo». Podemos ainda oppôr-lhes duas considerações tiradas da sua propria theory. De onde veiu a doutrina espirita? Será ella um sistema imaginado por alguns homens para explicar os factos? De modo algum. Quem foi o seu revelador? Precisamente esses mediuns cuja lucidez exaltaes. Si, pois, essa lucidez é tal como a suppondes, para que attribuiriam elles aos espíritos aquillo que tiravam de si mesmos? Como teriam elles obtido esses ensinos tão preciosos, tão logicos e sublimes sobre a natureza dessas intelligencias extrahumanas? De duas uma, ou elles são lucidos ou não: si o são e si devemos confiar na sua veracidade, não podemos

sem contradicção, admittir que elles se afastem da verdade. Demais, si todos os phenomenos tivessem origem no medium, seriam identicos todas as vezes que o medium fosse o mesmo, e nunca veríamos um mesmo individuo servir-se de linguagem totalmente discordante, nem avançar alternadamente as coisas mais contradictorias entre si.

Esta falta de unidade nas manifestações obtidas por um mesmo medium, prova a diversidade das origens dos phenomenos, e, si as não podemos achar todas no medium, é preciso que as busquemos fóra dele.

Segundo outras opiniões, o medium é a causa das manifestações, mas, em vez de as tirar de si proprio, como pretendem os partidarios da theoria somnambulica, tira-as do meio ambiente.

Neste caso, o medium é uma especie de espelho em que se reflectem todas as ideias, todos os pensamentos e conhecimentos das pessoas que o cercam: nada diz elle que não seja conhecido ao menos de alguma dellas. Não se pôde negar, e é o mesmo principio da doutrina, a influencia que os assistentes exercem sobre a natureza das manifestações; mas essa influencia é muito diversa da que se suppõe existir, e dahi a ser o medium um simples echo dos pensamentos dos assistentes, a distancia é muito grande, como o demonstram peremptoriamente milhares de factos. Tal opinião é, pois, um erro grave, que, ainda mais uma vez, vem provar o perigo das conclusões prematuras. Essas pessoas, não podendo negar a existencia de um phemoneno, que escapa á sciencia vulgar, e

não querendo admittir a presença dos espiritos, tentam explicá-lo a seu modo. A sua theoria seria verosimil si pudesse abranger todos os factos; mas não é isso o quo succede. Quando se lhes demonstra até á evidencia que certas communicações do medium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos e até mesmo ás opiniões de todos os assistentes; que essas communicações são muitas vezes espontâneas e em contradicção com todas as ideias preconcebidas, esses oposicionistas não se julgam ainda vencidos. A irradiação, dizem, estende-se até muito além do circulo immediato que nos rodeia; o medium é o reflexo da humanidade inteira, de modo que, si elle não bebe as suas inspirações junto de si, vae procurá-las longe, na cidade, no paiz, em todo o globo e até em outras espheras.

Não creio que essa theoria nos offereça, dos factos em questão, uma explicação mais simples e mais razoável do que a do Espiritismo, visto que lhes suppõe causa muito mais maravilhosa. A ideia de haver seres povoando o espaço, os quaes estando em contacto permanente connosco, transmittem-nos os seus pensamentos, não deve chocar mais a razão do que a theoria dessa irradiação universal, vinda de todos os pontos do universo a concentrar-se no cerebro de um individuo.

Repetimos ainda — e é este ponto capital sobre o qual nunca é demasiado insistir — que a theoria somnambulica e a que se poderia chamar *reflectiva*, foram imaginadas pelos homens; são opiniões individuaes, criadas para explicar um facto, ao passo que a dou-

trina dos espiritos não é de concepção humana; foi dictada pelas proprias intelligencias que se manifestam, quando ninguem ainda havia pensado nella e a opinião geral a repellia; ora, perguntamos, onde é que os mediuns foram buscar uma doutrina que não existia no pensamento de pessoa alguma da terra? Perguntamos, além disso, por que coincidencia estranha milhares de mediuns disseminados por todos os pontos do globo, mediuns que nunca se viram, são accordes em dizer a mesma coisa? Si o primeiro medium que apareceu em França soffreu a influencia de opiniões já acreditadas na America, por que motivo singular foi elle beber essas ideias a 2000 leguas além-mar, entre um povo estranho pelos costumes e pela linguagem, em vez de colhê-las mais perto de si?

Mas ha outra circunstancia em que ainda se não pensou devidamente. As primeiras manifestações, tanto em França como na America, não tiveram logar pela escripta nem pela palavra, mas por meio de pancadas em combinações com as letras do alphabeto, e formando assim palavras e phrases. Foi por esse meio que as intelligencias que se revelaram disseram-se espiritos. Por conseguinte, si se pudesse suppor a intervenção de pensamento do medium nas communicações verbaes ou escriptas, essa suposição não seria admisível para as manifestações por meio de pancadas, cuja significação não podia ser conhecida com antecedencia.

Poderíamos citar numerosos factos que demonstram, na intelligencia que se manifesta, uma individualidade evidente e uma independencia absoluta de vontade. Convidamos, portanto, os dissidentes a uma

observação mais attenta, e si quizerem estudar sem prevenção, não tirando conclusões antes de terem visto tudo, reconhecerão a deficiencia de sua theoria para explicar cabalmente tudo. Limitar-nos-emos a apresentar as seguintes perguntas: Porque a intelligencia que se manifesta, qualquer que ella seja, recusa responder a certas perguntas sobre assumptos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, a respeito do nome ou idade do interrogador, do que este tem na mão, o que fez na vespera, o que tenta fazer no dia seguinte, etc.? Si o medium é o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais facil do que taes respostas.

Os adversarios redarguem perguntando-nos porque é que espiritos, que devem saber tudo, não podem dizer-nos coisas tão simples, de conformidade com o axioma: *Quem pôde o mais pôde o menos*, e dahi concluem não serem espiritos que se nos manifestam. Si um ignorante ou gracejador, apresentando-se ante uma douta assembleia, perguntasse, por exemplo, porque razão é dia ao meio dia, acredita alguém que essa assembleia se désse ao trabalho de responder-lhe seriamente? E seria logico concluir do seu silencio ou das ironias com que ella cumulasse o interlocutor, que os seus membros eram todos asnos? É precisamente por serem superiores que os bons espiritos não respondem a perguntas ociosas e ridiculas, nem se prestam a passatempo. Nesse caso, ou calam-se ou aconselham coisas mais sérias.

Perguntaremos por ultimo porque é que, ás vezes, os espiritos vêm ou se retiram em determinado

momento, e, passado esse momento, nem preces, nem supplicas os fazem voltar? Si o medium só obra por impulso mental dos assistentes, é evidente que, nessa circumstancia, o concurso de todas as vontades reunidas deveria estimular a sua clarividencia. Si elle, porém, não cede ao desejo da assembleia, fortalecido pela sua propria vontade, é que obedece a influencia estranha a si proprio e aos que o cercam, influencia por esse modo accusadora da sua independencia e individualidade.

## XVII

O scepticismo, no que respeita á doutrina espirita, quando não é resultante de uma oposiçao systematica interessada, tem quasi sempre origem no conhecimento incompleto dos factos, o que não impede de alguns tentarem decidir a questão como si a conhecessem perfeitamente. Póde-se ser muito atilado, instruido mesmo, e não ter bom senso; ora, o primeiro indicio de falta de bom senso está em julgar infallivel o criterio proprio. Muitas pessoas só vêm nas manifestações espiritas objecto de curiosidade; esperamos que, com a leitura deste livro, ellas descobrirão nesses pheno-menos extraordinarios outra coisa além de simples passatempo.

A sciencia espirita comprehende duas partes: uma experimental, que trata das manifestações genericas, outra, philosophica, que trata das manifestações intelligentes. Aquelle que só tiver observado a primeira,

está na posição de quem só conhece a physica por experiencias recreativas, sem ter aprofundado esta sciencia. A verdadeira doutrina espirita está no ensino dado pelos espíritos, ensino que encerra conhecimentos muito graves para que se os possa adquirir sem estudo sério e methodico, feito no silencio e no recolhimento, pois só nestas condições se pôde observar um numero infinito de factos e variantes, que escapam ao observador superficial, e se consegue formar uma opinião. Não tivesse este livro por escopo sinão mostrar o lado sério da questão e provocar estudos neste sentido, que já faria muito, e nós rejuilaríamos por termos sido escolhido para executar uma obra da qual, aliás, não pretendemos constituir mérito pessoal, pois os princípios nelle contidos não são criações nossas e antes todo o seu mérito cabe aos espíritos que o dictaram. Contamos que elle dará ainda outro resultado: o de guiar os homens desejosos de se esclarecerem, mostrando-lhes nestes estudos um fim grande e sublime: — o do progresso individual e social, — e o de lhes indicar o cuminho a seguir para o attingirem.

Terminamos por uma ultima consideração. Sonhando os espaços, alguns astrónomos acharam, na distribuição dos corpos celestes, lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto; suspeitaram que essas lacunas deviam ser preenchidas por globos que lhes escapavam ás vistas. Por outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida, e disseram: Ali deve haver um mundo, pois essa lacuna não pôde existir, estes efeitos devem ter uma causa. Julgando então da causa pelo efeito, puderam